



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

REINALDO DO SOCORRO DA SILVA SANTOS

GLOSSÁRIO DA TERMINOLOGIA MILITAR: GIRIAS E JARGÕES

Abaetetuba-PA

2019

REINALDO DO SOCORRO DA SILVA SANTOS

GLOSSÁRIO DA TERMINOLOGIA MILITAR: GIRIAS E JARGÕES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Dra. Maria Adelina Farias.

Abaetetuba-PA

2018

REINALDO DO SOCORRO DA SILVA SANTOS

GLOSSÁRIO DA TERMINOLOGIA MILITAR: GIRIAS E JARGÕES

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Dra. Maria Adelina Farias.

Data de Defesa: ____/____/____

Conceito: _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rosangela do Socorro Nogueira de Sousa - UFPA

Profa. Orientadora Dra. Maria Adelina Farias

AGRADECIMENTOS.

A Deus, que é meu escudo e minha fortaleza e com seu amor e sua graça permitiu que eu vivesse esse momento;

A minha mãe, Maria Helena, que me incentivou a buscar meus objetivos e nunca desistir, ensinando-me a superar as adversidades da vida;

Ao meu pai, Raimundo Santos, que me ensinou a alcançar minhas metas por meio dos meus esforços.

A minha esposa, Suelen Cristina, e meus filhos, Cristian Matheus e Réllen Cristine, que são a razão do meu viver.

Aos meus irmãos e toda a família Silva, que me deram todo o apoio e incentivo nesta longa caminhada.

Aos meus amigos, Professor Jorge, Anderson Nahum, e Eder Nascimento, que me incentivaram na retomada de meus estudos.

Aos amigos que encontrei na turma de Letras 2014, em especial a Valéria Valadares, Vitor Hebert, Valdiane Rodrigues, Rubna Laíse, Daniela Machado, Larissa, Leonei, dentre outros, cujas lembranças serão eternas em minha memória e nunca passarão despercebidas por mim.

A professora Dra. Raí Duarte, que conseguiu extrair o melhor de seus alunos e, graças a ela, evolui não só como aluno, mas como ser humano também;

Ao professor Me. Pastana, que se mostrou ser além de um ótimo professor, um grande amigo;

A professora Dra. Maria Adelina, que me orientou com excelência, durante a elaboração deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. Aos meus pais, a minha esposa e filhos, aos meus irmãos e familiares, que vibraram a cada conquista e também foram alento nas derrotas. A minha esposa, por sua paciência e dedicação. Aos meus filhos, meus maiores incentivadores. Agradeço também aos meus professores e colegas, principalmente a minha orientadora Profa. Dra. Maria Adelina Farias, que me orientou de forma esplendida, não mediu esforços na construção desse trabalho.

RESUMO

O presente trabalho propõe-se, no âmbito da linguística, discutir o **Glossário da Terminologia Militar: Gírias e Jargões**. Assim mostrar na prática diária, no que se refere à linguagem, conceitos e conclusões sobre o desenvolvimento da terminologia militar em ambiente específico de trabalho e no contexto social. Dado o exposto, o objetivo desse estudo é focalizar o processo que se formata na construção de uma comunicação desses agentes da segurança pública. Para tanto, faz-se o seguinte questionamento: será que é possível a terminologia criar uma linguagem paralela à língua já usada por determinados grupos? Tendo em vista aspectos observados, o uso de uma linguagem técnica pode influenciar seus usuários na construção de uma nova linguagem fora de um âmbito específico, deixando de fazer parte do uso funcional para se transformar em uma comunicação habitual de quem à prática, ou seja, de uma nova linguagem, considerando vital para as práticas do militar. A partir dos estudos da terminologia buscar-se-á definir de que forma acontece a apropriação de termos da linguagem de uma área específica, e como influencia naturalmente o processo linguístico de determinados grupos, mostrando de que forma se dá esse processo de migração da linguagem técnica para o cotidiano, e quais os efeitos na comunicação fora do espaço de seu uso específico. Espera-se que este trabalho de investigação contribua para novas reflexões a respeito do tema em questão. Em virtude do que foi mencionado, compreender esse vocabulário rico, porém complexo para quem o desconhece.

Palavras – chave: Terminologia. Militar. Comunicação. Linguagem.

ABSTRACT

The present work proposes, in the scope of linguistics, to discuss the Glossary of Military Terminology: Slang and Jargon. Thus, in daily practice, with regard to language, concepts and conclusions on the development of military terminology in a specific work environment and in the social context. Given the above, the objective of this study is to focus the process that is formed in the construction of a communication of these public security agents. For this, the following question is asked: is it possible for the terminology to create a language parallel to the language already used by certain groups? In view of observed aspects, the use of a technical language can influence its users in the construction of a new language outside a specific scope, failing to be part of functional use to become a habitual communication of those who practice, that is, of a new language, considered vital for the practices of the military. From the studies of terminology we will try to define in what form the appropriation of terms of the language of a specific area, and how it naturally influences the linguistic process of certain groups, showing how this migration process occurs. technical language for the everyday, and what effects on communication outside the space of its specific use. It is hoped that this research will contribute to further reflection on the subject in question. By virtue of what has been mentioned, understand this rich but complex vocabulary for those who do not know it.

Key words: Terminology. Military. Communication. Language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – METODOLOGIA DA PESQUISA	10
CAPITULO II – PESQUISA DE CAMPO	14
CAPITULO III – ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO	15
3.1 Da macroestrutura	15
3.2 Constituem entradas ou lemas do glossário	15
CAPITULO IV- GLOSSÁRIO DA TERMINOLOGIA MILITAR: GÍRIAS E JARGÕES..	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO I	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo de caráter linguístico tem como tema **Glossário da Terminologia Militar: Gírias e Jargões**, sendo que foi feita solicitação ao comandante da unidade para que pudesse fazer esse estudo dessa área específica. Assim, o trabalho está de acordo com os conceitos determinados pela ciência da linguagem que trata do tema, ou seja, de que a terminologia ou linguagem técnica é a apropriação de termos da linguagem comum para uma linguagem específica de uma área, de forma a significar algo mais preciso, sem necessitar de definição ou consenso.

Concordando com este argumento, questiona-se: será que é possível a terminologia criar uma linguagem paralela à língua já usada por determinados grupos? O uso Inadequado da Linguagem Técnica (código Q, gírias, jargões, etc.) em ambientes não relacionados e com pouco aproveitamento desse tipo de linguagem, tornaria essa comunicação confusa fora de seu uso específico?

Este trabalho baseia-se no uso de linguagem técnica (código Q, gírias, jargões, etc), que permite uma fácil e breve comunicação em uso de uma área específica, ou seja, uma terminologia. Porém, o que provocou este estudo é o fato dessa linguagem sair do ambiente específico e passar a fazer parte do dia a dia de seus usuários, e, através desse tipo de comunicação, passam a surgir grupos fora daquele ambiente usando uma nova linguagem que passa a fazer sentido apenas para aos que dominam, causando estranheza e não compreensão para quem está de fora desse ciclo.

Partindo desses princípios, defende-se a ideia que o uso de uma linguagem técnica pode influenciar seus usuários na construção de uma nova linguagem fora do âmbito específico, deixando de fazer parte do uso funcional para se transformar em uma comunicação habitual de quem à prática.

Em um contexto mais amplo, busca-se compreender como a terminologia passeia de um âmbito específico para o cotidiano, e qual efeito dessas especificidades, tendo como instrumento de estudo a linguagem técnica.

A partir dos estudos da terminologia buscar-se-á definir de que forma acontece a apropriação de termos da linguagem de uma área específica, e como acaba influenciando naturalmente o comportamento linguístico de determinados grupos, tentando mostrar de que forma se dá esse processo de migração da linguagem técnica para o cotidiano, e quais os efeitos na comunicação fora do espaço de seu uso específico.

CAPITULO I - METODOLOGIA DA PESQUISA

Está pesquisa leva em consideração a linguagem aplicada em determinadas áreas de trabalho, nesse caso a linguagem militar. Trata-se da linguagem técnica, que em cada área específica é trabalhada procurando facilitar a comunicação e levando a um entendimento rápido e preciso. Para desenvolver o trabalho, pesquisei sobre alguns conceitos do objeto de pesquisa, esperando, assim, contribuir para futuros estudos sobre esse tema.

As bases teóricas e metodológicas da pesquisa alicerçam-se nos preceitos da Terminologia, Socioterminologia, terminografia, lexicologia, lexicografia que é a ciência que estuda e organiza o “léxico dos saberes técnicos e científicos”, ou seja, os termos de determinadas áreas do conhecimento, gerando glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos (KRIEGER e FINATTO, 2004). A pesquisa seguiu a proposta metodológica por Barros (2004) na obra Curso básico de Terminologia.

Lexicografia vista como metodologia não é uma teoria porque seu objeto de trabalho não é um fenômeno que deve ser explicado. Não é um fenômeno verbal da mesma natureza, que um texto ou que um dicionário. Não estuda um objeto, mas oferece os métodos e os procedimentos para criá-lo. Não é um conjunto de algoritmos de operação, que dão como resultado um dicionário. Tratando-se de uma metodologia, portanto a lexicografia oferece as técnicas e os procedimentos de construção de um dicionário, mas não determina o texto final, a obra.

Para Barbosa (1992), a distinção entre Lexicologia e Lexicografia, por um lado, e entre Terminologia e Terminografia, por outro, se dá em termos da dicotomia aristotélica entre *επιστημη* (ciência) e *τεχνη* (arte). Desse modo, Lexicologia e Terminologia se apresentam como saberes, ou seja, designam o processo de construção de uma forma de conhecimento, enquanto Lexicografia e Terminografia são técnicas e, portanto, referem-se à aplicação prática da ciência, “aplicação de um saber a um fazer” (BARBOSA, 1992, p. 152).

Para estudar esses termos específicos de uma língua é que surgiu uma nova disciplina, que começou a fixar sua história no Brasil, despontando nas instituições acadêmicas e em centros de pesquisas: a Terminologia, que tem como marco inicial o século XX, surgindo com Eugem Wuster (1898 – 1977), com sua tese de doutoramento em 1931, a qual foi intitulada “A Normalização Internacional da Terminologia Técnica” sendo esta um campo da linguística, tanto na teoria quanto na prática.

De acordo com Sanger (1990) são três delimitações da Terminologia (1) terminologia entendida como sistema conceptual e de designações de alguma especialidade técnica e

científica, e podem ser apresentados em forma de: dicionários, glossários, tesouros; (2) terminologia entendida como o conjunto de métodos e práticas usadas para a coleta, descrição, processamento e apresentação de termos; (3) terminologia entendida como conjunto de premissas, argumentos e conclusões requerido para esclarecer os relacionamentos entre conceitos e termos, o que é fundamental para coerência à atividade terminológica.

No entanto, para estudar a Terminologia, é necessário o conhecimento e investigação do léxico falado para poder associar conceitos a termos. Assim, o objeto da Terminologia é termo que a palavra especializada domina os conhecimentos os conceitos inerentes a diversas palavras especializadas. Trata-se da linguagem profissional, especializada, pois existe uma linguagem geral que se torna comum a todos os falantes, assim, como outras linguagens especializadas, dentre as quais as linguagens profissionais, técnicas ou científicas peculiares a cada atividade humana.

A terminologia faz parte da linguística aplicada, que compreende o trabalho em lexicografia especializada, tradução, redação e ensino de línguas (Silvia Pavel e Diane Nolet). A pesquisa seguiu a proposta metodológica por Enilde Faulstich, no livro *Manual de Terminologia* que está o traduziu. No que se refere a Terminografia, se preocupa em registrar os termos em dicionários, pois para estudar esses termos especializados da língua e sua formação é que surgiu a Terminologia que fez com que esse estudo não se restringisse somente a linguística, porquê o mesmo vai além, abrangendo até mesmo a tradução e registro em forma de dicionários e glossários, sendo que estas ficam a cargo da Terminografia.

Na Terminologia, existem dois percursos temporais para análise dos termos: um por meio da sincronia, que faz com que formas variantes apresentem o mesmo significado referencial, e o outro, que é a diacronia, se orienta através da história, nos possibilitando sistematizar estruturas léxico-terminológicas variantes que nos permitem analisar termos validados ou não na atualidade.

Para discutir a relação termo conceito que se realiza na linguagem em movimento, é necessário observarmos o estágio sincrônico e diacrônico, pois a terminologia também tem histórias e fazem história das línguas que estão em constante transformação. Então, os termos são signos que formam um conjunto de palavras encontrando sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas, ou seja, do Léxico especializado que passam por evoluções, devendo ser no plano sincrônico e diacrônico da língua.

Toda a palavra todo o termo são coloridos pelo Léxico, pela semântica e, por isso, ele é passível de ser lexografado e terminografado, devendo receber definições e conceitos precisos, daí o conceito possui características específicas que se organizam por meio de traços observáveis ou imagináveis. Então, o termo e conceito são o signo e significado: “um conceito é uma unidade de conhecimento que contém os atributos de um dado referente chamado termo” (FAULSTICH, 1993, p. 02).

No sistema abstrato que é a língua, distinguem-se o léxico da gramática, pois as palavras são da língua e não da fala, porque elas são entidades abstratas que formam o sistema linguístico permanente da língua. Por isso, temos com palavra e vocábulo da linguagem comum apresenta equívoco “por essa razão os linguistas cunharam o termo lexema para designar a unidade léxica abstrata da língua” (Bidermam, p. 07).

Nos lexemas, se manifestam, no discurso, através de forma ora fixo, ora variável. Essa segunda alternativa é a mais frequente nas línguas flexivas que aparecem no discurso e, recebem o nome de lexia, que podemos encontrar na linguagem em geral, se diferenciando do termo que é uma lexia especializada, ou seja, uma palavra específica de uma área do conhecimento humano.

Para estudar as características de variação, no mundo da terminologia que revelam peculiaridades próprias é que surge a denominação de Socioterminologia, que aparece pela primeira vez em um artigo de 1981, sendo este escrito por Jean Claude Boulanger, a partir de então vários são os linguistas que defendem o estudo e o registro social do termo, pelo fato de reconhecerem que as terminologias estão abertas à variação.

A definição da Socioterminologia dada por Enilde Faulstich (2000), na qual ela é vista como:

(...) uma disciplina descritiva que estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. Assim, a pesquisa socioterminológica deverá considerar que os termos, no meio linguístico e social, são entidades passíveis de variação e mudança e que as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo ou gerar termos diferentes para um mesmo conceito (FAULSTICH, 2000).

Assim, ela se ocupa com a identificação e categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação do uso da língua, a mesma analisa e descreve as terminologias, levando em consideração os fatores sociais que condicionam a variação linguística, que são influenciados por essa variação terminológica que é condicionada pelo meio social, por isso, que esta disciplina requer métodos próprios para sistematizar os termos

e as variantes a serem estudadas. Sendo que é nesta perspectiva que a prática terminológica transforma-se em Socioterminologia, onde é clara a relação entre terminologia e sociolinguística.

Segundo Faulstich (1995), a Socioterminologia pode apresentar-se em duas vertentes: (1) como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem (2) como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. Assim sendo, a pesquisa socioterminológica deve ter como auxiliar dois princípios tais como: os princípios da sociolinguística, tais como os critérios da variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança (2) os princípios de etnografia: as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

Esses são os princípios básicos que devemos atentar para realizar um trabalho de pesquisa nesta área requer procedimentos precisos e oriundos da etnografia, junto com o meio e com os fenômenos que os definem. Para isso, precisam ser observadas algumas características, dentre elas: as variantes terminológicas que registra as variantes levando em consideração os contextos social, situacional, especial e linguísticos em que os termos circulam, pois as variantes são resultantes dos diferentes usos que uma comunidade faz dos termos em sua diversidade social, linguística e geográfica.

Enfim, a Socioterminologia é um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade (Enilde Faulstich).

CAPÍTULO II - PESQUISA DE CAMPO

Para a realização desse trabalho, foi necessário examinar alguns conceitos sobre Lexicologia, Lexografia, Terminologia, Terminografia, Socioterminologia e Sociolinguística com a finalidade de compreender o estudo e construção de um vocábulo terminológico.

A partir daí passou-se para a etapa da Pesquisa de Campo fazendo um levantamento de dados para a formação do “corpus” do trabalho que foi realizada de agosto à dezembro de 2018, com cinco militares do 31º BPM (Batalhão de Polícia Militar) do município de Abaetetuba. O ‘corpus’ é formado a partir de fontes escritas quanto fontes orais.

As coletas de dados orais foram feitas por meio de entrevistas que obedeciam contribuir com o objetivo da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas no próprio ambiente de trabalho dos militares, os informantes são do sexo masculino e feminino, tendo a faixa de 30 anos em diante e a escolaridade varia entre, ensino médio completo, superior incompleto e superior completo.

Nesse trabalho, registrou-se e organizou-se os termos lexicais da atividade militar mediante a aplicação do questionário aos informantes, estes termos foram gravados e posteriormente transcritos, juntamente com material que estava disponível, formando assim o ‘corpus’.

CAPÍTULO III - ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

Glossário, de acordo com Faulstich (1995), são repertórios em que os termos são representados em ordem alfabética ou em ordem sistemática seguidos de informação gramatical e do contexto de ocorrência. Este glossário está de acordo com a macroestrutura e a microestrutura:

3.1 Da macroestrutura

A macroestrutura adotada neste trabalho apresenta os verbetes em ordem sistemática, distribuídos em campos semânticos acompanhados das definições, contextos e remissivas. As definições foram baseadas de acordo com os contextos informados. Neste sentido, a ficha terminológica, elaborada pela Faulstich, foi à base metodológica para pesquisa em Socioterminologia, UNB, 1995. Dessa forma, embasaram-se as seguintes entradas: lexema: categoria gramatical; gênero; definição; contexto; notas; fontes; remissivas; variantes.

3.2 Constituem entradas ou lemas do glossário:

- a) termos que denominam ações, operações, atitudes, substantivos, etc., nas atividades militares.
- b) termos relativos ao universo miliciano na atividade militar.

CAPÍTULO IV- GLOSSÁRIO DA TERMINOLOGIA MILITAR: GÍRIAS E JARGÕES

CAMPO - I

A

Abraçar

aceitar determinada situação ou missão difícil.

Acochambrão/ Acochambrador

militar que sempre arranja alguma desculpa pra não trabalhar; vadio; preguiçoso; enrolão; aquele que acochambra (ver “acochambar”).

Acochambar

fugir do serviço; enrolar; fazer corpo mole; fazer nas coxas, sem vontade, com preguiça, sem ânimo; reduzir o esforço em alguma tarefa e fazê-la sem esmero.

Aloprado

Pessoa que age de forma excessivamente desproporcional a situação em se encontra, com atitudes, palavras e gestos que caracterizam grosseria, brutalidade, arrogância, estupidez, demonstrando intolerância mediante situações consideradas simples; agitado; nervoso; atrapalhado.

Aloprador

aquele que deixa os outros nervosos, aloprados.

Aloprar

ato de ficar ou deixar alguém nervoso; sair do sério; perder a paciência.

Alvorada

momento da manhã onde todos devem sair das camas e iniciam-se as rotinas do quartel; início do dia.

Antigo/ Antigão

militar com muito tempo de serviço se comparado à maioria.

Apagado/ apagadão

desligado, desatento.

Arranchado

aquele que tem direito a refeição no quartel.

Arrego

situação vantajosa ao militar.

Aspira

designação para Aspirante-a-oficial.

Até a pleura

expressão usada geralmente quando se manda o militar entrar na água e ficar submerso “até a pleura”.

Até o talo

expressão usada para dar ideia de que algo foi levado até as últimas consequências ou que está numa situação extrema.

Atolar

se dar bem; ter sorte.

Azar militar

infortúnio advindo das características da vida militar. Abrev.: AZM

Azimute

rumo; rota; orientação.

B

Baba ovo

militar puxa-saco de superior.

Bagre ensaboado

pessoa lisa, que se escapa das obrigações para obter vantagem.

Baixado militar com que está temporariamente inapto para as atividades físicas e para marcha.

Baixaria

situação incompatível com o ambiente militar.

Barata-voa

desordem; agitação; zaralho (ver “zaralho”).

Barro

fracasso na missão; derrota; xafúrnio.

Bicho

aluno recém ingresso na corporação.

Bichoforme

fardamento usado pelo aluno antes que esse receba o fardamento propriamente dito.

Consiste em calça jeans e camiseta de algodão.

Bisonhosujeito que não faz nada direito; inexperiente na vida militar; desligado; desatento; burro.

Bizu

conselho, sugestão, dica, manha, macete (ver macete); maneira que facilita algo.

Bizu furado

o bizu que não deu o resultado esperado.

Bizurado

que sabe todos os bizus; preparado para as situações; o mesmo que macetoso (ver macetoso). Pode ser dito de um objeto também quanto este traz atributos vantajosos ao militar.

Boca podre

missão muito desagradável, difícil, árdua.

Bodoso

coisa grande, cheia de detalhes.

Bóia

comida.

Bostejar

falar algo inoportuno; falar m****.

Brasil

expressão usada quando deve-se aceitar determinada situação ou missão ruim sacrificando direitos e interesses pessoais.

Brincante

pessoa que faz brincadeiras excessivamente; o mesmo que fanfarrão (ver “fanfarrão”).

C

C-4

maluco; doido.

Caga sangue

quando se passa muita dificuldade para cumprir uma missão.

Caga-pau/ Cagalhão

militar que só caga o pau (ver “cagar o pau”).

Cagar (para algo) / cagar mole/ cagar baldes

não dar a mínima; não dar atenção devida; não se importar.

Cagar o pau/Cagar no pau

fazer algo de forma errada.

Cai e paga

tomar posição de apoio e pagar flexões.

Cambalacho/ Camba/ Camorra

Utilizar-se irregularmente do horário de serviço para realizar atividades de interesse

particular.

Canga

parceiro de atividade.

Capa preta

juiz militar.

Carca

comando dado por superior para que o militar se retire rapidamente.

Carcaça

porte físico; corpo do militar.

Carne de monstro

geralmente qualquer carne servida no rancho.

Caserna

quartel.

Cassino

refeitório de sargentos e oficiais.

Cavalão

militar que se destaca pelo porte físico, bem preparado e que exerce bem o trabalho.

Chá-de-manta

brincadeira realizada entre militares com suas respectivas mantas.

Chafúrdio

situação de fracasso.

Charlie Mike

Canção Militar - canções que são entoadas quando da prática de corrida em formação, que falam da rotina militar e enaltecem os valores militares e da corporação. Um componente do pelotão brada em alto tom cada frase e o demais repetem. O nome vem da abreviação CM e do uso do alfabeto fonético.

Chivunck

termo que expressa a última força de um combatente antes de morrer. Semelhante ao “sprint” final na corrida.

Cobertura

parte do fardamento utilizada na cabeça, podendo ser boné, quepe, boina, capacete, etc. de acordo com o fardamento.

Colar as placas

dar branco; ficar sem ação; não saber o que fazer diante de uma situação que gere tensão.

Comumente utilizado quando algum militar com pouca experiência está no comando de uma tropa, fica nervoso e esquece os comandos de ordem unida ou dá comandos errados.

Colocar fogo na moita

tirar alguém do anonimato; acabar com a situação de moita dos que assim se caracterizam (ver “moita”).

Contra-azimute

o mesmo que bizu furado (ver “bizu furado”).

Copiar

entender; escutar.

Cu de tropa

pessoa de baixa estatura que fica na retaguarda da tropa.

D

Dar o golpe

burlar regra de um dos regulamentos.

Dar o pronto

após terminar uma missão, reportar ao superior que a missão foi cumprida.

Dar sopa na crista

aparecer muito e acabar se prejudicando por isso.

Desembocar

levar adiante alguma tarefa de modo aproveitável; fazer com facilidade algo difícil; conseguir fazer algo que ninguém está conseguindo.

Desenrolar

resolver determinada situação.

Desunido

aquele que não se preocupa com o bem da tropa e somente com o bem próprio; militar que não tem espírito de corpo.

E

Em acha

exausto, fadigado.

Embusteiro

militar que gosta de aparecer, gabar-se e enaltecer sua posição como militar.

Embusteragem

qualquer artifício que se use para ser embusteiro, geralmente

Entrar em forma

entrar em formação militar.

Escamotear

fugir de responsabilidades.

Espírito de corpo

sentimento de priorizar os interesses do grupo em detrimento dos individuais.

Execução

ordem de iniciar a execução do que foi anteriormente repassado.

F

Fanfarrão

brincalhão; que não leva as coisas a sério; o mesmo que brincante (ver “brincante”).

Farândula

grupo desorganizado; bagunça; agitação; o mesmo que zaralho (ver “zaralho”).

Fazer a cara

barbear-se ao ponto de se cortar todo.

Felpas

pequenos pelos de cobertor vermelho que se destacam em um lençol branco. Felpas muito pequenas são chamadas de “microfelpas”.

G

Gandola

camisa de manga comprida e de tecido mais grosso que faz parte do fardamento.

H

Homem abelha

aquele que ou está voando ou está fazendo cera.

Homem bala

aquele que por onde passa deixa furo.

Hora

momento em que o militar de serviço está exercendo a função de plantão ou sentinela.

J

Jangal

situação ruim, extremamente difícil.

Juruna

cabo ou sargento promovido por antiguidade sem ter feito o curso da referida graduação.

L

Laranjeira

quem vive dentro do quartel; quem mora no quartel.

Lixão

militar que não tem postura adequada; muniço (ver “muniço”).

M

Macetoso

militar que conhece as melhores ou mais fáceis maneiras de resolver determinado problema ou cumprir determinada missão; bizurado (ver “bizurado”).

Matar no peito

assumir as consequências de ato que venha a ter alguma repercussão.

Meios de fortuna

enjambração; improviso.

Melindrado

medroso; receoso; “cagão”.

Mijada

chamada de atenção de um superior; “esporro”; “sermão”.

Missão

qualquer tarefa delegada por um superior.

Mocorongo

desajeitado, enrolado, atrapalhado, bizonho (ver “bizonho”).

Moderno

militar com pouco tempo de serviço na corporação quando comparado aos demais.

Moita

militar que passa despercebido; não é visto ou lembrado; quieto.

Monstro

o mesmo que bizonho (ver “bizonho”).

Monstro do Pântano:

muito bizonho (ver “bizonho”).

Morfeu

referência ao deus grego dos sonhos. Quando o militar se encontra sonolento é dito que o mesmo “caiu nos braços do morfeu” .

Morosidade

lentidão; desânimo; falta de vontade; preguiça.

Muquiço/ Mulambo/ Mulambento/ Mequetrefe

sem postura; desleixado; militar com péssima apresentação pessoal: fardamento amassado, bota suja ou fosca, cabelo fora do padrão, barba mal feita, etc.

N

NHS:

“Na Hora Sai” - usada por aqueles que não estudam para as provas ou que pensam em fazer tudo de improviso.

No pau da goiaba

o mesmo que “em acha” (ver em acha).

O

Oferecido/ Oferecidão

aquele que sempre se dispõem a fazer além do que lhe é pedido; militar com excesso de proatividade.

Onça

o mesmo que jangal (ver “jangal”).

Ordem Unida

atividade militar onde são treinadas as marchas e movimentos militares.

P

Padrão

muito bom; ótimo; correto; em conformidade com o que consta nos regulamentos militares; bem feito; dito daquele militar correto que serve de exemplo para os demais.

Pagar missão

ato de delegar uma missão a um subordinado.

Pagar

realizar o exercício de flexão como punição por algum erro. Ex.: Paga dez!

Paisanagem

atitude característica do meio civil e que não é adequada ao meio militar.

Paisano

civil; militar sem o fardamento.

Pandareco

quebrado; danificado.

Papinha missão de fácil execução; o mesmo que rolha (ver “rolha”).

Papirar

estudar.

Pedir baixa

pedir desligamento da corporação.

Peixe/ Peixada

militar que possui conhecido ou familiar em posto superior que interfere ao seu favor para obter vantagens pessoais; protegido; apadrinhado.

Pernoite

ato do serviço onde os militares se apresentam próximo às 21h para que o comandante do serviço repasse as informações relativas a este.

Pica das galaxias

aquele que se destaca muito em determinada área ou no cumprimento de determinada missão.

Pica

situação complicada de ser resolvida; problema.

Piruão

o mesmo que oferecido (ver “oferecido”); aquele que dá oportunidade para que lhe deem alguma missão.

Piruar

dar oportunidade para que lhe seja dada alguma missão; mostrar-se desocupado; se oferecer para alguma missão voluntariamente ou involuntariamente.

Piruar errado

se oferecer para fazer algo e fazer esse algo errado.

Ponderão

questionador; respondão; aquele que costuma ponderar (ver “ponderar”).

Ponderar

retrucar ou questionar quando é dada uma ordem por um superior. É dito que o subordinado nesses momentos deve responder apenas “Sim, senhor!”, “Não, senhor!” ou “Quero sair, senhor!”.

Porraço excelente; missão realizada com perfeição.

Postulão

bisonho; aquele que tem uma explicação bem detalhada e teórica pra tudo.

Q

Querência

vontade; ânimo.

R

Radiador

punição na qual derrama-se água do cantil do militar pela retaguarda da gandola do mesmo.

Ralar

esforçar-se ao máximo para o cumprimento de uma tarefa ou treinamento.

Rancho

refeitório do quartel.

Raro

militar que é muito ruim, que faz tudo errado, inclusive aquelas coisas mais simples. Que consegue fazer errado tudo aquilo que lhe é determinado; pior que o bisonho.

Reco

designação comum para o recruta.

Reserva

qualidade do que é aposentado do serviço ativo ou que faz parte do contingente convocado em caso de guerra.

Retaguarda

parte de trás.

Revista

inspeção da tropa e da apresentação pessoal dos seus integrantes.

Rolha

missão de baixa complexidade; fácil; simples.

S

Safo

militar bom no que faz; experiente; macetoso (ver “macetoso”); desenrolado; atento; que resolve todos os problemas; esperto.

Sanhaço

correria; apuro; situação de pressão, preocupante, desesperadora; o mesmo que jangal (ver “jangal”).

Saragaço

confusão; zoeira; muitas pessoas falando ao mesmo tempo; desordem; bagunça; o mesmo que zaralho (ver “zaralho”).

Se matar

quando o militar se atrapalha todo.

Seguir destino

se retirar.

Sisudo

homenzarrão.

Sugação

situação onde alguém está sugando a tropa (ver “sugar”).

Sugado

difícil; puxado.

Sugar

abusar do esforço físico; exagerar em atividades físicas; fadigar a tropa ou o militar.

T

Tá na onça

estar cheio de problemas para resolver e não há soluções de imediato; encrencado; estar no sanhaço (ver “sanhaço”).

Tá osso

difícil; puxado; sugado (ver “sugado”).

Tá safo

expressão usada quando o militar consegue obter êxito em determinada situação ou quando entende bem algo que lhe é passado.

Teórico

o mesmo que postulão (ver “postulão”).

Testa

parte da frente.

Tocar o rebú/o terror/ o barata-voa:

colocar alguém ou um grupo sob pressão; amedrontar; aloprar (ver “aloprar”).

Toceira

o mesmo que moita; apático.

Torar

dormir, tirar um cochilo.

Treva

o mesmo que bisonho; que não tem jeito pra coisa alguma; descoordenado; lento para aprender.

U

Última forma

dizer para esquecer o que foi dito; retirar o que disse; correção.

V

Vala

o mesmo que jangal (ver “jangal”).

Voador/ Estar voando

aquele militar que está desocupado e que anda pelos cantos, sumindo pelo quartel para não receber missão; sem nada para fazer; à toa.

X

Xerife

Chefe de turma; aquele que está no comando do pelotão.

Xexelento/ xerebento

horrível; trabalho feito com desleixo; de baixa qualidade.

Z

Zaralho

bagunça; desordem; o mesmo que farândula (ver “farândula”).

Zero Um:

o melhor colocado e mais antigo da turma. Costuma ser o mais exigido.

CAMPO - II**CÓDIGO Q**

- QAP-** Ficar na escuta, estar em condições, pronto para operar.
- QRA-** Nome da estação ou do operador
- QRE-** Hora de chegada
- QRG -** Frequência de transmissão/receptação
- QRI -** Tonalidade de transmissão
- QRK-** Clareza dos sinais 1,2,3,4 e 5.
- QRM-** Interferência na transmissão.
- QRO-** Aumentar a potencia na transmissão.
- QRQ-** Transmitir depressa.
- QRS-** Transmitir devagar.
- QRU-** Tem algo pra mim?
- QRW-** Devo avisar que você chama na frequência...
- QRY-** Qual é a minha vez de transmitir?
- QSA-** Qual é a intensidade do meu sinal 1,2,3,4,e 5.
- QSC-** Sua embarcação é carga?
- QSE-** Deslocamento da embarcação de salvamento.
- QSG-** Transmissão de....mensagem de uma só vez
- QSI-** Não consegui interrompe a estação...
- QSK-** Pode ouvir-me entre seus sinais?
- QSM-** Repetir o último câmbio.
- QSO-** Comunicado ou contato entre estações.
- QSQ-** Há medico no local?
- QSS-** Frequência de trabalho habitual.
- QSX-** Transmitir o indicativo de chamada ou estação.
- QTA-** Cancelar a ultima mensagem.
- QTC-** Mensagem de urgência.
- QTH-** Localização ou endereço da estação.
- QTN-** Hora da saída.
- QTR-** Hora certa.
- QTU-** Horário de transmissão.

QTX- Manter-se atento para um novo comunicado.

QUD- Recebimento de mensagem de urgência.

QSZ- Transmissão pausada (em trechos).

QRR- Distancia entre as estações.

QRD- Deslocamento.

QRL- Estou ocupado.

QRX- Aguarde nessa frequência.

QRZ- Quem esta chamando?

QSF- Atendimento de ocorrência.

QSJ- Valor monetário.

QSL- Entendido.

QSN- Você me escutou.

QSP- Retransmitir uma mensagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é uma tentativa de entender como funciona e se organiza a linguagem técnica em ambientes específicos e principalmente os efeitos fora destes e também a elaboração de um *Glossário da Terminologia Militar: Gírias e Jargões*. Assim, com ajuda dos referenciais teóricos foi possível chegar a algumas conclusões. Todavia, o que deu vida à pesquisa foi o trabalho de investigação de campo, pois esse deu suporte a teoria, esclarecendo as divergências que foram encontradas pelos caminhos da pesquisa.

Diante do seguinte questionamento: é possível a terminologia criar uma linguagem paralela à linguagem já usada? Essa dúvida foi sanada durante o desenvolvimento deste trabalho, pois a linguagem militar mostrou-se ser uma segunda língua usada por esse grupo específico.

Ainda convém lembrar que, outro questionamento que ficou esclarecido, foi que o uso inadequado da linguagem técnica (código Q) gírias e jargões em ambientes não relacionados e com pouco aproveitamento desse tipo de linguagem, tornaria essa comunicação confusa fora do seu uso específico.

Em face à essa realidade pesquisada, quatro dos cinco informantes afirmaram que principalmente nos primeiros anos de vida militar não se policiavam em relação a isso, e quando se comunicavam involuntariamente, mesclava a linguagem normal com o linguajar miliciano¹, isso acabava causando a falta de entendimento nas conversas e conseqüentemente tinham que explicar o significado das “palavras estranhas” para aqueles ouvintes.

Os efeitos dessa linguagem, fora do espaço de seu uso específico, influencia diretamente os usuários da língua. Percebe-se isso durante a entrevista com os informantes, onde foi possível entender que houve uma contaminação com uso de gírias, jargões e o código Q, principalmente no ambiente familiar. Desse modo, os membros das famílias dos informantes passaram a fazer uso dessa linguagem mesmo em dado momento sem saberem seus significados ou sentidos.

Assim, dentro dos pressupostos aqui estudados espera-se modestamente que essa proposta de elaboração de um glossário sobre a terminologia militar: gírias e jargões possam ajudar em futuros trabalhos e também ajude a apresentar a riqueza em termos linguísticos de conhecimento no contexto militar.

¹ O termo miliciano, define o dicionário, diz respeito à vida ou à força militar; à força militar de um país ou a qualquer corporação sujeita à organização e disciplina militares (AVANCINI, 2015, p 01).

REFERÊNCIAS

AVANCINI, Marta. **Por que chamar a polícia de milícia?** In: Indagação foi o ponto de partida de linguista para a tese que originou livro publicado pela Editora da Unicamp. Campinas, 2015. Disponível em: www.unicamo.br/unicamp/ju/621/por-que-chamar-policia-de-milicia.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico.** In: As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Editora UFMS, Campo Grande 1998.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia.** Editora Edusp, São Paulo, 2004.

FALSTICH, E.L. de J. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** In: Ciência da informação/Terminologia: a disciplina da nova era. Brasília, v.29, n3,1995.

FAULSTICH, E. "A função social da terminologia", Humanitas, São Paulo, FFLCH, USP, pp. 167-183, 1999.

FAULSTICH, E. "Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista". In TradTerm, 7, p.11-40, 2001.

FAULSTICH, E. "Variação em terminologia. Aspectos de Socioterminologia". In Panorama actual de la terminología. Granada, Editorial Comares, pp. 65-106, 2002.

FINATTO, Maria José Bocorny. **Complexidade textual em artigos científicos: contribuições para o estudo do texto científico português.** Organon, 25 (50), 2011, <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28340/16989>

FINATTO, Maria José Bocorny. **Estudos de Terminologia no Brasil: diálogos com Portugal.** In : Alberto SIMÕES, Anabela BARREIRO, Diana SANTOS, Rui SOUSASILVA & Stella E.O.

FINATTO, Maria José Bocorny & Leonardo ZILIO (orgs.) **Textos e Termos por Lothar GÍRIAS Militares. Milico Ponderão.** Disponível em: <http://www.milicoponderao.com/p/giriamilitares>.

HOFFMANN. **Um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas.** Gráfica e Editora Palotti, 2015.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DOS INFORMANTES DA PESQUISA DE CAMPO

INFORMANTE - I

IDADE: 32 anos

PROFISSÃO: militar

TEMPO DE PROFISSÃO: 08 anos

ESCOLARIDADE: superior completo

1) Na profissão militar existe uma linguagem técnica?

R: Sim, existe o código Q.

2)Qual a função dessa linguagem dentro de sua profissão?

R: facilitar a comunicação.

3) O militar dentro da sua área de trabalho utiliza-se de gírias e jargões?

R: sim.

4) Você poderia citar algumas gírias e jargões usados?

R: azar militar, desenrolado, desunido, fanfarrão, canga, antigão, novinho sugador, pernoite, bisonho, bizu, bizurado, xerife, laranjeira, baba ovo, macetoso, etc...

5) Qual a função da utilização das gírias e jargões?

R: a função é ter a linguagem própria específica da profissão.

6) Você utiliza essa mesma linguagem fora do seu ambiente de trabalho?

R: Sim.

7) Você acha que levou essa linguagem para outros ambientes que frequenta mesmo involuntariamente?

R: sim, pra minha casa, minha mãe já usa no seu vocabulário meus irmãos ate amigos da UEPA contaminei quando estudava.

8) Por qual motivo você acha que isso acontece?

R: acredito que passa a fazer parte do vocabulário do militar e não consegue se policiar fora daquele ambiente, e acaba levando consigo.

9) Qual o reflexo do uso dessa linguagem no seu dia a dia?

R: é que tenho que ter mais concentração em alguns locais para não soltar uma palavra inadequada, acho que só isso mesmo.

10) Você acha que a linguagem militar é sua segunda língua?

R: isso com certeza é.

INFORMANTE - II

IDADE: 46 anos

PROFISSÃO: militar

TEMPO DE PROFISSÃO: 27 anos

ESCOLARIDADE: médio completo

1) Na profissão militar existe uma linguagem técnica?

R: Sim, existe o código Q.

2)Qual a função dessa linguagem dentro de sua profissão?

R: facilitar a comunicação.

3) O militar dentro da sua área de trabalho utiliza-se de gírias e jargões?

R: sim.

4) Você poderia citar algumas gírias e jargões usados?

R: caga pau, voador, mecetoso, azar militar, desenrolado, desunido, fanfarão, canga, antigão, novinho, mijada, moderno, sugador, bisonho, bizu, bizurado, xerife, laranjeira, baba ovo, etc...

5) Qual a função da utilização das gírias e jargões?

R: explicar o mundo militar e suas características diferenciadas.

6) Você utiliza essa mesma linguagem fora do seu ambiente de trabalho?

R: Sim.

7) Você acha que levou essa linguagem para outros ambientes que frequenta mesmo involuntariamente?

R: sim, pra minha casa, e até para os amigos no futebol.

8) Por qual motivo você acha que isso acontece?

R: acho que acabamos nos acostumando a usar essa linguagem no trabalho e conseqüentemente fora também.

9) Qual o reflexo do uso dessa linguagem no seu dia a dia?

R: as vezes alguém não entende oque falo.

10) Você acha que a linguagem militar é sua segunda língua?

R: pode ser.

INFORMANTE - III

IDADE: 46 anos

PROFISSÃO: militar

TEMPO DE PROFISSÃO: 23 anos

ESCOLARIDADE: médio completo

1) Na profissão militar existe uma linguagem técnica?

R: Sim, existe o código Q.

2)Qual a função dessa linguagem dentro de sua profissão?

R: facilitar a comunicação.

3) O militar dentro da sua área de trabalho utiliza-se de gírias e jargões?

R: sim.

4) Você poderia citar algumas gírias e jargões usados?

R: caga pau, voador, mecetoso, azar militar, desenrolado, desunido, fanfarão, canga, antigão, novinho, mijada, moderno, melindrado, ponderado, sugador, bisonho, bizu, bizurado, xerife, laranjeira, baba ovo, macetoso etc...

5) Qual a função da utilização das gírias e jargões?

R: servir como uma linguagem própria do militar.

6) Você utiliza essa mesma linguagem fora do seu ambiente de trabalho?

R: Sim.

7) Você acha que levou essa linguagem para outros ambientes que frequenta mesmo involuntariamente?

R: sim, minha casa, roda de amigos entre outros.

8) Por qual motivo você acha que isso acontece?

R: já que faz parte do meu dia a dia acho que é normal que isso aconteça.

9) Qual o reflexo do uso dessa linguagem no seu dia a dia?

R: acho que refletiu na linguagem da minha família principalmente.

10) Você acha que a linguagem militar é sua segunda língua?

R: não.

INFORMANTE - IV

IDADE: 37 anos

PROFISSÃO: militar

TEMPO DE PROFISSÃO: 13 anos

ESCOLARIDADE: superior incompleto

1) Na profissão militar existe uma linguagem técnica?

R: Sim, existe o código Q.

2)Qual a função dessa linguagem dentro de sua profissão?

R: facilitar a comunicação.

3) O militar dentro da sua área de trabalho utiliza-se de gírias e jargões?

R: sim.

4) Você poderia citar algumas gírias e jargões usados?

R: bizurado, bizu, caga pau, paisano, novinho voador, mecetoso, azar militar, desenrolado, desunido, fanfarrão, canga, antigão, mijada, moderno, melindrado, ponderado, sugador, bisonho, xerife, laranjeira, rancho etc...

5) Qual a função da utilização das gírias e jargões?

R: é ser a linguagem miliciana.

6) Você utiliza essa mesma linguagem fora do seu ambiente de trabalho?

R: Sim.

7) Você acha que levou essa linguagem para outros ambientes que frequenta mesmo involuntariamente?

R: sim, na maioria dos ambientes que frequento.

8) Por qual motivo você acha que isso acontece?

R: acho que o costume do uso no cotidiano faz com que isso ocorra.

9) Qual o reflexo do uso dessa linguagem no seu dia a dia?

R: causa estranheza em algumas pessoas outras acham engraçado.

10) Você acha que a linguagem militar é sua segunda língua?

R: sim, posso dizer isso.

INFORMANTE -V

IDADE: 35

PROFISSÃO: militar

TEMPO DE PROFISSÃO: 13 anos

ESCOLARIDADE: superior incompleto

1) Na profissão militar existe uma linguagem técnica?

R: Sim, existe o código Q.

2)Qual a função dessa linguagem dentro de sua profissão?

R: facilitar a comunicação.

3) O militar dentro da sua área de trabalho utiliza-se de gírias e jargões?

R: sim.

4) Você poderia citar algumas gírias e jargões usados?

R: embusteiro, espirito de corpo, bizurado, caserna, bizu, novinho voador, mecetoso, azar militar, desunido, fanfarrão, canga, antigão, mijada, moderno, melindrado, ponderado, sugador, bisonho, xerife, missão, laranjeira, rancho, colar as placas, etc...

5) Qual a função da utilização das gírias e jargões?

R: ser a linguagem de caserna, a língua dos militares.

6) Você utiliza essa mesma linguagem fora do seu ambiente de trabalho?

R: Sim.

7) Você acha que levou essa linguagem para outros ambientes que frequenta mesmo involuntariamente?

R: sim, principalmente na minha família e amigos.

8) Por qual motivo você acha que isso acontece?

R: acho que faz parte de mim, então não tenho como simplesmente ligar e desligar.

9) Qual o reflexo do uso dessa linguagem no seu dia a dia?

R: causa estranheza em algumas pessoas outras acham engraçado.

10) Você acha que a linguagem militar é sua segunda língua?

R: sim, posso dizer isso.